

O APAGAMENTO DE /D/ NO MORFEMA DE GERÚNDIO
NAS CAPITAIS BRASILEIRAS A PARTIR DOS DADOS DO
ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL

THE DELETION OF PHONEME /D/ IN THE GERUND
OF THE BRAZILIAN CAPITAL CITIES ACCORDING TO
THE LINGUISTIC ATLAS OF BRAZIL

Aluiza Alves de Araújo
Universidade Estadual do Ceará
aluizazinha@hotmail.com

Maria do Socorro Silva de Aragão
Universidade Federal do Ceará
socorro.aragao@terra.com.br

RESUMO:

Na perspectiva da Sociolinguística Variacionista, este estudo aborda o apagamento de /d/ no morfema de gerúndio, a partir dos dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), com o objetivo de verificar a atuação de fatores sociais (sexo, faixa etária, escolaridade e localidade) sobre a regra. A amostra é constituída por 96 informantes, oriundos das capitais brasileiras das Regiões Norte, Centro-Oeste e Sul. Das três Regiões analisadas, o Centro-Oeste é a que mais usa o apagamento. A pouca escolaridade e o sexo/gênero masculino favorecem a regra no Centro-Oeste e no Norte. Para o Sul, não houve seleção de variáveis.

PALAVRAS-CHAVE:

Gerúndio. Apagamento. Sociolinguística Variacionista. ALiB.

ABSTRACT:

From the perspective of Sociolinguistic Variationist, this study deals with the deletion of /d/ in morpheme gerund, from the data of the Atlas Language Brazil (ALiB), in order to check the effectiveness of social factors (gender, age, education and location) of the rule. The sample consists of 96 informants, coming from the Brazilian capital of the North, Midwest and South. Of the three regions analyzed, the Midwest is the

one that uses the deletion. The low level of education and sex/male favor the rule in the Midwest and North. To the South, there was no variable selection.

KEYWORDS:

Gerund. Deletion. Sociolinguistic Variationist. ALiB.

Introdução

Esta investigação aborda o apagamento de /d/ no morfema de gerúndio /ndo/, nos dados das capitais brasileiras do Norte, Sul e Centro-Oeste do Atlas Linguístico do Brasil (doravante ALiB), sob o prisma da Sociolinguística Variacionista (WEINREINCH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV (2008 [1972], 1994, 2006 [2001]), com o objetivo de descrever e analisar os fatores sociais (gênero, faixa etária, escolaridade e localidade) que favorecem o fenômeno em tela.

Em consonância com Cagliari (2002, p. 101), neste trabalho, entendemos por apagamento um processo que “ocorre quando há a supressão de um segmento da forma básica de um morfema.” Dessa maneira, dizemos que houve apagamento no morfema de gerúndio do verbo ferver (fervendo¹), quando a dental /d/ é eliminada (ferveno²).

A eliminação de /d/ no morfema /ndo/ não ocorre apenas no português brasileiro, pois podemos encontrá-lo no norte da Península Ibérica e no sul da Itália (SILVA NETO, 1952), no italiano central e meridional (MELO, 1971 [1946]), revelando que o processo não se manifesta apenas na língua portuguesa.

Nos estudos dialetológicos do português brasileiro, a queda de /d/ no morfema de gerúndio já é documentada no falar caipira, por Amaral (1920), no falar nordestino, especificamente Alagoas e Pernambuco, por Marroquim (1934) e, no falar paraibano, por Aragão (1984).

Sobre o apagamento de /d/ no morfema de gerúndio no português falado do Brasil, encontramos alguns trabalhos de natureza variacionista empreendidos em três regiões, a saber: Centro-Oeste, Nordeste e Sudeste. No Centro-Oeste, temos as pesquisas de Martins e Bueno (2011), para Dourados-MS e Ponta Porã-MS, Vieira (2011), para Taboco-MS, e Araújo e Karim (2009), para Cáceres-MT. No

¹ Variante realizada por um informante do sexo/gênero masculino, da II faixa etária (45 a 60 anos), de Boa Vista, com ensino fundamental até o 8º ano.

² Variante produzida por um informante do sexo/gênero masculino, da I faixa etária (18 a 30 anos), de Boa Vista, com ensino fundamental até o 8º ano.

Nordeste brasileiro, há os trabalhos de Nascimento, Araújo e Carvalho (2013), para Fortaleza-CE, Brasileiro e Castro (2013), para Santo Antônio de Jesus-BA, Costa (2009), para Catu-BA, Martins (1999), para João Pessoa-PB, e Hora e Aquino (2012), para Guarabira-PB. No Sudeste, contamos com a pesquisa de Ferreira (2010), para São José do Rio Preto - SP. O estudo de Nascimento e Mota (2004) é o único que apresenta dados de várias localidades do Brasil (Bahia, Imbituva, João Pessoa, Marília, Niterói, Porto Alegre e Recife).

Depreendemos do exposto acima que as regiões Norte e Sul carecem de trabalhos acerca do fenômeno examinado. O Centro-Oeste, apesar de contar com três pesquisas, não possui nenhuma para o falar de Goiás. Consideramos importante investigar o comportamento da realização de /d/ no morfema de gerúndio em Regiões brasileiras que carecem destes estudos, principalmente o Norte e o Sul, para termos uma melhor compreensão do processo e ampliarmos o conhecimento que temos da variedade do português falado no Brasil.

Os resultados dessa pesquisa podem contribuir para um ensino de língua materna menos preconceituoso, pois a redução do gerúndio, por ser um fenômeno estigmatizado no português brasileiro, torna necessário que os professores conheçam a realidade linguística de seus alunos para conscientizá-los dos valores sociais do seu uso.

Este trabalho está organizado, essencialmente, em cinco partes: a primeira é esta introdução; a segunda traz a revisão da literatura variacionista sobre o fenômeno no português brasileiro; a terceira é a metodologia, que apresenta a amostra, o perfil dos informantes, os procedimentos de coleta de dados e o método de análise estatística; a análise, quarta parte, traz os resultados obtidos e a sua interpretação; e, por fim, as considerações finais constituem a quinta parte.

1. Estudos variacionistas sobre a redução do gerúndio no português falado do Brasil

É válido dizer que mesmo os estudos que investigam o fenômeno sob a perspectiva variacionista apresentam procedimentos metodológicos distintos. Por isso, encontramos trabalhos que controlaram variáveis linguísticas e sociais (MARTINS, 1999; FERREIRA, 2010; VIEIRA, 2011; NASCIMENTO; ARAÚJO; CARVALHO, 2013) e outros que estudaram exclusivamente variáveis sociais (NASCIMENTO; MOTA, 2004; COSTA, 2009; ARAÚJO; KARIM, 2009; MARTINS; BUENO, 2011). Também há os que investigaram apenas a frequência de uso do fenômeno (HORA; AQUINO, 2012; BRASILEIRO; CASTRO, 2013).

Além disso, notamos que algumas pesquisas submeteram seus dados a tratamento estatístico (MARTINS; 1999; FERREIRA, 2010; VIEIRA, 2011; NASCIMENTO; ARAÚJO; CARVALHO, 2013), enquanto outras não trazem nenhuma informação acerca disso (NASCIMENTO; MOTA, 2004; COSTA, 2009; ARAÚJO; KARIM, 2009; MARTINS; BUENO, 2011; HORA; AQUINO, 2012, BRASILEIRO; CASTRO, 2013).

Acrescentamos que, dentre os estudos analisados, poucos exibem, em seus resultados, pesos relativos (MARTINS, 1999; FERREIRA, 2010; NASCIMENTO, ARAÚJO E CARVALHO, 2013), pois a maioria apresenta apenas os percentuais. Ademais, esses três últimos **são os únicos que se** baseiam em dados retirados de grandes bancos de dados: VALPB, IBORUNA e NORPOFOR, respectivamente, porque os demais tiveram o seu *corpus* constituído especialmente para a realização da pesquisa.

Descrevemos, brevemente, a seguir, de acordo com a ordem cronológica, as dez pesquisas variacionistas que encontramos sobre a queda de /d/ no morfema de gerúndio na variedade de fala do português brasileiro, com o intuito de obtermos um panorama geral do fenômeno em pauta. Esclarecemos que, desses estudos, apenas os resultados dos fatores sociais serão detalhados aqui, já que nosso trabalho busca analisar somente variáveis extralinguísticas, além do mais não desejamos transformar esta seção em um extenuante rol de resultados. Porém, não deixamos de citar, quando havia, as variáveis linguísticas relevantes. Apresentamos, a partir de agora, cada uma das pesquisas mencionadas.

Martins (1999) analisou o apagamento da oclusiva /d/ no grupo “ndo”, utilizando 24 informantes do projeto VALPB³ (Variação Linguística da Paraíba), estratificados de acordo com o sexo (masculino e feminino), a faixa etária (I-15 a 25 anos, II-26 a 49 e III- acima de 49 anos) e o grau de escolaridade (analfabetos, 5-8 anos e universitários).

Ao todo, foram obtidos 1988 dados, sendo que 1045 (53%) pertenciam ao apagamento. Foram considerados relevantes pelo VARBRUL os fatores sexo, anos de escolarização, faixa etária, classe de palavras e extensão do vocábulo. Com relação à variável sexo, os homens (.59) favorecem a aplicação da regra, diferentemente das mulheres (.42). Quanto à faixa etária, os informantes de 15

³ O Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB) foi criado, em 1993, com o propósito de estudar a realidade linguística na cidade de João Pessoa-PB. O *corpus* deste Projeto, coordenado pelo prof. Dr. Dermeval da Hora, é constituído por 30 homens e 30 mulheres, distribuídos de forma equilibrada por faixa etária (15 a 25 anos, 26 a 49 anos, acima de 50 anos) e nível de escolaridade (nenhum, 1 a 4 anos, 5 a 8 anos, 9 a 11 anos e mais de 11 anos). (HORA, PEDROSA, 2001)

a 49 anos (.53) privilegiam a o apagamento, ao passo que aqueles com mais de 49 anos (.45) o inibem. A autora afirma que “estamos lidando com fenômeno de variação estável na língua, já que as probabilidades entre jovens (0.53) e adultos (0.53) da cidade de João Pessoa se mantêm similares e bastante aproximadas em relação aos falantes com mais 49 anos (0,45).” (MARTINS, 1999, p. 340). No tocante à escolaridade, os analfabetos (0,69) e os informantes com 5 a 8 anos de estudo (0,53) beneficiam a regra de cancelamento, ao contrário dos universitários (0,31). Assim, quanto menor a escolaridade maior a aplicação da redução de gerúndio.

Nascimento e Mota (2004) abordaram a redução do gerúndio em entrevistas experimentais do Projeto ALiB. As autoras mencionam que a pesquisa, ainda em fase inicial e necessitando de ampliação do *corpus*, está dividida em dois momentos e, em ambos, todos os informantes pertenciam a uma das duas faixas-etárias (de 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos) e a um dos sexos (masculino e feminino).

No primeiro momento, participaram 12 informantes do estado da Bahia (Jequié, Santo Amaro e Salvador), sendo que todos tinham o ensino fundamental (antigo primário). Do Questionário Fonético-Fonológico (QFF) do ALiB, utilizaram-se os itens lexicais andando, fervendo e rindo (versão 1999) e os itens fervendo, remando e dormindo (versão 2000), bem como o discurso semidirigido. No segundo momento, participaram 09 informantes, provenientes de cidades que representavam as 5 regiões brasileiras (Belém, Imbituva, João Pessoa, Marília, Niterói, Porto Alegre e Recife). Estes informantes possuíam dois níveis de escolaridade: primário e superior.

Quanto aos resultados, as autoras verificaram que, com relação à variação diagenérica, os homens usam mais a forma reduzida de gerúndio (na primeira etapa: 68%⁴ e na segunda: 55%) do que a sua manutenção, ao contrário das mulheres que empregam menos o apagamento de /d/ (na primeira fase: 47% e na segunda: 37%) do que a variante “ndo”. Quanto à variação diafásica, no QFF, por ser um contexto mais tenso que o discurso semidirigido, a redução (na primeira etapa: 39% e na segunda: 27%) ocorre menos do que a forma “ndo”. Já, no discurso semidirigido, o apagamento de /d/ (na primeira: 72% e na segunda fase: 59%) é mais realizado do que a sua manutenção.

Costa (2009) investigou o apagamento de /d/ no gerúndio “ndo” na fala

⁴ As autoras não apresentaram os pesos relativos obtidos na pesquisa, por isso aqui nos limitamos a mostrar apenas os percentuais. Sempre que os pesos não forem exibidos nas pesquisas apresentadas aqui, indicaremos os valores percentuais, quando houver.

de 8 estudantes, de classe média, da 4ª série do ensino fundamental de duas escolas, uma da rede pública (02 homens e 02 mulheres) e outra da rede privada (02 homens e 02 mulheres), ambas da cidade de Catu, situada na área urbana da Bahia. Foram utilizadas 3 estratégias para a coleta de dados: uma conversa informal com cada estudante, aplicação de um jogo em que os participantes falariam as ações praticadas por personagens apresentados em algumas figuras e uma leitura de textos narrativos.

Constatou-se que o “fenômeno linguístico da simplificação do gerúndio ocorre majoritariamente em todo o *corpus*, independente da proveniência dos alunos, se de escola particular ou de escola pública” (p. 14, grifo da autora). Os dados da entrevista sociolinguística revelaram que: a) o gênero não se mostrou relevante; b) os estudantes de escola pública não produziram a variante padrão /ndo/ e os da escola privada produziram mais o apagamento /no/ (mulheres: 93,22% e homens: 91,8%), mas observou-se que, entre estes últimos, a forma padrão foi realizada por todos, embora em número pouco significativo (8,2%). Já os dados do jogo mostraram que os estudantes (homens e mulheres) da escola pública continuaram não produzindo a variante padrão, enquanto os alunos da escola privada realizaram mais a manutenção da forma /ndo/ (homens: 65,79% e mulheres: 69,24%), mas também produziram o apagamento. Surpresa com este resultado, a autora entende que uma possível explicação para isso esteja no fato de que “durante o jogo, os estudantes tinham que falar os verbos no gerúndio isoladamente ou em pequenas frases, tornando-se, com isso, saliente o material fonético que constitui a forma em questão.” (p. 17). Na leitura de texto, verificou-se que dois alunos (um da escola pública e outro da escola particular) produziram dois verbos com o apagamento de /d/ no morfema de gerúndio.

Araújo e Karim (2009) abordaram a supressão de /d/ no gerúndio na cidade de Cáceres-MT. Os informantes foram estratificados por sexo (masculino e feminino), faixa etária (30 a 45 anos; 46 a 60 anos e acima de 60 anos) e nível de escolaridade (3 anos de ensino fundamental, ensino fundamental e ensino médio). Os dados são provenientes de um questionário com 16 perguntas, relacionadas a assuntos de interesse dos informantes, como tradição, costumes, política e paisagem da cidade, e de entrevistas entre pesquisadora e informante. As autoras notaram, em todas as entrevistas, um alto índice de realização do apagamento em todos os níveis de escolarização. Elas esclarecem que a pesquisa só apresenta resultados parciais, porque ainda está em andamento e, por isso, a frequência de uso da regra será apresentada em uma análise mais detalhada.

Ferreira (2010) estudou a redução do gerúndio na cidade de São José do Rio Preto, partindo de 76 narrativas de experiências pessoais, extraídas

da amostra Censo, que pertence ao banco de dados Iboruna⁵. Os informantes possuem as seguintes características: sexo (masculino e feminino), faixa etária (7 a 15 anos, 16 a 25 anos, 26 a 35 anos, 36 a 55 anos e mais de 55 anos), nível de escolaridade (1º EF - Ensino Fundamental, 2º EF, EM - Ensino Médio e ES - Ensino Superior) e renda familiar (até 5 salários mínimos e de 6 a 10 salários mínimos). Os dados foram extraídos de entrevistas, com duração aproximada de uma hora, que incentivavam o informante a narrar experiências pessoais.

De um total de 999 ocorrências, 796 (72%) eram do apagamento de /d/ no morfema de gerúndio. Foram selecionadas quatro variáveis, na seguinte ordem: sexo/gênero, escolaridade, idade e estrutura sintática. A autora afirma que os fatores sociais foram mais decisivos que os linguísticos e apresenta o sexo/gênero como o maior favorecedor do apagamento, sendo os homens (0.59) os maiores aliados da regra, ao contrário das mulheres (0.40). Quanto à escolaridade, viu-se que quanto menor a escolarização, maior a possibilidade de haver o apagamento: 1º EF (0.72), 2º EF (0.57), EM (0.48) e ES (0.32). Com relação à faixa etária, a que mais favorece a regra é a de 26 a 35 anos (0.64), seguida pelas de 7 a 15 anos (0.63), de 16 a 25 anos (0.56), ao contrário das faixas de 36 a 55 anos (0.44) e da constituída por pessoas de mais 55 anos (0.17). Sobre os resultados desta variável, a autora afirma que

[...] em razão de a aplicação da regra na variedade estudada ser alta e de os informantes mais jovens usarem com maior frequência a variante não-padrão e os mais velhos preferirem a forma padrão, as variantes com morfemas de gerúndio reduzido podem ser consideradas formas inovadoras e sua estratificação na comunidade de fala de São José do Rio Preto aponta para uma mudança em tempo aparente. (FERREIRA, 2010, p 125)

Vieira (2011) analisou a supressão do gerúndio, partindo de uma amostra constituída por 16 informantes do distrito de Taboco, no Mato Grosso do Sul. Todos os informantes possuíam, no máximo, o ensino fundamental completo e pertenciam a um dos gêneros: masculino e feminino e a uma das faixas-etárias: de 15 a 35 anos e acima de 50 anos. Os dados foram obtidos por meio de en-

⁵ O Iboruna representa o primeiro banco de dados com amostras de fala do interior do Estado de São Paulo, colhidas segundo um rígido controle de variáveis sociais (sexo, faixa etária, escolaridade e renda familiar), no período de março de 2004 a outubro de 2007. Essa database é formada por “dois tipos de amostra de fala: Amostra Comunidade (ou Amostra Censo), AC, que reúne 151 amostras de fala controladas sociolinguisticamente, e Amostra de Interação Dialógica, AI, que reúne 11 amostras de fala coletadas secretamente em situações livres de interação social.” (FERREIRA, 2010, p.58)

trevistas semiestruturadas, que eram elaboradas com o auxílio de um roteiro prévio, não limitado ao mesmo.

Os dados, submetidos ao programa Goldvarb 2001, revelaram que a redução ocorreu em 386 dados de um total de 485. Com relação às variáveis linguísticas, a classe morfológica, o contexto fonético-fonológico precedente e seguinte e a extensão do vocábulo mostraram interferir na regra de apagamento de /d/. Dentre as variáveis sociais, quanto à faixa etária, a autora observa que as duas faixas examinadas apresentaram o mesmo índice de apagamento, 75%, “o que simboliza a estabilidade da forma no sistema linguístico” (p.20). Ainda sobre esse resultado, Vieira acrescenta que “O equilíbrio da variante nas duas faixas etárias nos leva a perceber a generalidade do fenômeno, bem como seu caráter não estigmatizado na comunidade linguística estudada.” (p. 20) No tocante ao gênero, os homens (80%) realizaram mais o apagamento de /d/ do que as mulheres (20%).

Martins e Bueno (2011) realizaram um estudo sobre o apagamento de /d/ no morfema de gerúndio na região de Dourados e Ponta Porã, no Mato Grosso do Sul, com base em um *corpus* constituído por 12 informantes, estratificados de acordo com o sexo (masculino e feminino), a faixa etária (20 a 50 anos e 51 anos em diante) e o nível de escolaridade (analfabetos e alfabetizados). Nas entrevistas, foi usado o método de narrativa de experiência pessoal para coletar os dados.

Os resultados evidenciaram que, de um total de 104 dados, o apagamento de /d/ ocorreu em 56 (53,84%). Dentre as variáveis testadas, as autoras verificaram que, quanto ao gênero do falante, as mulheres (82,5%) usam mais o apagamento do que os homens (35,94%). Com relação à faixa etária, os homens de 20 a 50 anos (53,0%) empregam mais o apagamento do que aqueles com mais de 50 anos (20,6%); as mulheres usam mais o apagamento tanto na faixa de 20 a 50 (79,2%) quanto na de 50 anos em diante (82,3%), sendo que estas últimas apresentam a maior taxa de redução. As autoras afirmam que esse comportamento do gênero feminino destoa dos achados na literatura sociolinguística e entendem que isso ocorre porque “a redução da forma de gerúndio já se tornou um fenômeno bastante recorrente no português falado em Dourados e região.” (p.22). No tocante à escolarização, as mulheres alfabetizadas (79%) ou não (81,8%) aplicam majoritariamente o apagamento, ao contrário dos homens que usam mais a variante padrão, sejam alfabetizados (65,8%) ou não (60,9%).

Hora e Aquino (2012) analisaram o apagamento de /d/ no grupo -ndo na fala de 30 alunos de Guarabira – PB. Os informantes, com idade entre 8 e 11 anos, cursam do 3º ao 5º ano do ensino fundamental e pertencem à classe so-

cioeconômica baixa. Os autores também examinaram outros fenômenos, como a ditongação e a monotongação, mas, aqui, trataremos apenas dos resultados pertinentes à redução do gerúndio. Os dados, provenientes da leitura oral dos alunos, eram coletados da seguinte forma: a cada aluno era apresentado um texto e solicitada a sua leitura individual em voz alta; porém, antes de começar a gravação da leitura, o aluno tinha um contato inicial com o texto.

Ficou constatado que o “apagamento da oclusiva dental como fenômeno variável não se apresentou de forma produtiva na leitura dos alunos pesquisados” (p.1112) e que o 5º ano (2,22%) é a série que menos utiliza o apagamento, enquanto o 4º ano (8,89%) é a que mais o emprega. Os autores afirmam que

Embora não tenha sido objetivo deste trabalho controlar as variáveis condicionadoras do fenômeno em análise, os resultados dão indicativos de que o gerúndio é o contexto favorecedor da ocorrência do apagamento da dental em **-ndo**, também na leitura. (HORA; AQUINO, 2012, p. 1112)

Nascimento, Araújo e Carvalho (2013) investigaram a supressão de /d/ no gerúndio, partindo de uma amostra formada por 24 informantes, provenientes do banco de dados NORPOFOR⁶ - Norma Oral do Português Popular de Fortaleza e estratificados por nível de escolaridade (de 0 a 4 anos de estudo e de 9 a 11 anos), faixa etária (15 a 25 anos, 26 a 49 anos e a partir do 50 anos) e sexo (masculino e feminino). Os dados foram coletados de entrevistas do tipo Diálogo entre Informante e Documentador (DID) e submetidos a tratamento estatístico do GoldVarb X.

Os autores verificaram que, de um total de 465 dados, o apagamento obteve 345 (74,2%) realizações. Como relevantes para o apagamento, foram apontadas as seguintes variáveis, nesta ordem: escolaridade, faixa etária, contexto fonético antecedente, gênero e contexto fonético subsequente. Os informantes com baixa escolaridade (0,75) favorecem o apagamento, ao contrário dos que possuem alta escolaridade (0,31). As mulheres (0,57) são aliadas da regra, diferentemente dos homens (0,43). Os falantes de 26 a 49 anos (0,71) são os maiores favorecedores

⁶ O NORPOFOR foi criado com a finalidade de compor uma database da variedade de fala popular dos fortalezenses, no período de 2003 a 2006, sob a coordenação da professora Aluiza Alves de Araújo. Esse banco de dados, que possui 198 informantes, controla as variáveis sexo (masculino e feminino), faixa etária (15 a 25 anos, 26 a 49 anos, acima de 49 anos), escolaridade (nenhuma a 4 anos, 5 a 8 anos, 9 a 11 anos) e tipo de registro (Diálogo entre Informante e Documentador – DID, Diálogo entre Dois Informantes - D2 e Elocução Formal - EF). (ARAÚJO, 2011)

do apagamento, seguidos pelos indivíduos de 15 a 25 anos (0,54), enquanto os informantes com mais de 49 anos (0,25) desfavorecem a redução. Os autores entendem que o fenômeno examinado representa um caso de variação estável.

Brasileiro e Castro (2013) examinaram, no município de Santo Antônio de Jesus, situado no Recôncavo Baiano, diversos fenômenos linguísticos, a saber: aférese, síncope em sílaba travada, apócope (marca de infinitivo), apócope (nomes), monotongação, ditongação, iotização do lh, despalatalização do lh e síncope (redução da marca de gerúndio). No entanto, aqui trataremos apenas deste último por ser, no momento, objeto de nosso interesse. Todos os informantes⁷ que constituem o *corpus* desta pesquisa possuíam o ensino médio completo e foram estratificados por gênero (masculino e feminino), faixa etária (20-40 e 50-70 anos) e área geográfica (rural e urbana). Os dados foram coletados de entrevistas. Elas observaram que o fenômeno foi realizado por todos os informantes nas duas áreas geográficas. Vale mencionar que o trabalho apresenta a ocorrência ou não do fenômeno, mas não mostra nenhum valor percentual.

Pelo exposto até aqui, vimos que, de modo geral, os estudos descritos indicam uma tendência das comunidades de fala examinadas em privilegiar o uso do apagamento de /d/ no gerúndio em detrimento de sua manutenção. Também constatamos que as variáveis sociais atuam fortemente sobre o fenômeno analisado. Com relação à variável sexo, os estudos de Martins (1999), Nascimento e Mota (2004), Ferreira (2010) e Vieira (2011) mostram que os homens usam mais a regra do que as mulheres, ao contrário do que observaram Martins e Bueno (2011) e Nascimento, Araújo e Carvalho (2013). No tocante à variável escolaridade, as pesquisas de Martins (1999), Ferreira (2010) e Nascimento, Araújo e Carvalho (2013) apontaram que quanto menor a escolaridade maior a aplicação da regra. Com respeito à faixa etária, os trabalhos citados aqui, sem exceção, revelam que a queda de /d/ no morfema de gerúndio ocorre mais na fala dos jovens do que na fala dos informantes acima de 50 anos.

2. Metodologia

O Atlas Linguístico do Brasil tem a finalidade de mapear o falar brasileiro, com base em dados coletados em 250 pontos de inquérito, representativos de todas as regiões do país, e recolhidos *in loco*. Na sua constituição, foram percorridos 257.851 quilômetros, conforme Cardoso (2014), e foram entrevistados

⁷ As autoras não informam o número total de informantes envolvidos na pesquisa.

1.100 informantes. É o maior e o mais atual banco de dados do português falado que temos notícia. Daí o nosso interesse em analisar seus dados.

Nossa amostra é constituída por 96 informantes do ALIB, extraídos de 12 capitais brasileiras, pertencentes a três regiões, a saber: Norte (Manaus, Belém, Macapá, Boa Vista, Porto Velho e Rio Branco); Sul (Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre); e Centro-Oeste (Goiânia, Campo Grande e Cuiabá). Ressaltamos que, Palmas, fundada em 1989, e Brasília, em 1960, respectivamente, capitais do Estado de Tocantis e do Brasil, “não fizeram parte do rol de localidades que compõem a rede de pontos do ALiB, em virtude de serem cidades novas e, conseqüentemente, com uma norma linguística ainda em fase de consolidação [...]” (ISQUERDO, 2014, p.11)

De cada localidade examinada, coletamos dados da fala de 08 informantes, estratificados de forma igualitária por escolaridade (até a 8ª série do fundamental e ensino superior completo), faixa etária (18 a 30 anos e 45 a 60 anos) e sexo (masculino e feminino). Todos eram nascidos na localidade examinada e filhos de pais também nascidos nessa localidade. Partindo deste perfil de informante, selecionamos as variáveis sociais controladas neste estudo, que foram as seguintes: sexo, escolaridade, faixa etária e localidade.

No Atlas Linguístico do Brasil, o Questionário Fonético-Fonológico (QFF) era o primeiro aplicado aos entrevistados. Talvez, por isso, os informantes se mostrem cautelosos com as respostas dadas ao inquiridor. Selecionamos nossos dados do QFF do ALiB, o que nos leva a crer que o estilo de fala de nossos informantes é um dos mais cuidados. No QFF, encontramos três questões, cujas respostas trazem itens lexicais no gerúndio. São eles: - fervendo (questão 27), remando (questão 52) e dormindo (148). Em razão desse reduzido número de itens lexicais, não controlamos variáveis linguísticas neste estudo, pois, caso isso fosse feito, nossos resultados sofreriam, com certeza, influência do item lexical.

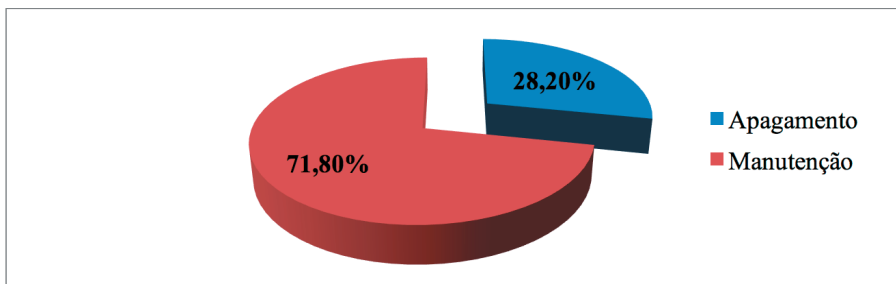
Com base na transcrição fonética dos itens lexicais selecionados, codificamos cada ocorrência do fenômeno examinado e, em seguida, submetemos os dados à análise estatística do programa GoldVarb X (SANKOF; TAGLIA-MONTE; SMITH, 2005).

3. Resultados e análise de dados

Apresentamos, a seguir, para cada uma das três Regiões examinadas, os resultados obtidos, bem como a sua interpretação, para o apagamento de /d/ no gerúndio. Faremos isso, primeiramente, para a Região Centro-Oeste, depois para o Norte e, por fim, para o Sul do Brasil.

A análise feita para as capitais da região Centro-Oeste apresentou 71 ocorrências, distribuídas da seguinte forma: 20 (28,2%) para o apagamento de /d/ no gerúndio e 51 (71,8%) para a sua manutenção, mostrando, assim, o predomínio da variante conservadora, como podemos visualizar no gráfico 1.

Gráfico 1: Frequência de uso das variantes no Centro-Oeste do Brasil



O melhor nível de análise selecionado pelo GoldVarb X apresentou *input*⁸ 0,189, revelando uma baixa probabilidade de ocorrência da regra, e significância⁹ = 0,002. O programa selecionou, como os mais relevantes para o apagamento, os seguintes grupos de fatores, nesta ordem: escolaridade e sexo. Analisaremos cada um deles a seguir.

Tabela 1 – Papel da variável escolaridade sobre a o apagamento de /d/ no morfema “ndo” nas capitais do Centro-Oeste

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Até o 8º ano do ensino Fundamental II	17/35	48,6	0,798
Ensino Superior completo	3/36	8,3	0,208

Selecionada em primeiro lugar pelo GoldVarb X, a variável escolaridade, amplamente estudada nas pesquisas sociolinguísticas brasileiras, é a mais im-

⁸ O *input* indica “a probabilidade de aplicação da regra quando o efeito de todos os fatores de todas as variáveis é neutro.” (NARO; LEMLE, 1977, p.26-7)

⁹ “O programa trabalha com uma margem de erro de 5% (threshold ,05), ou seja, se o nível de significância for acima deste valor, previamente arbitrado, os resultados não são considerados estatisticamente significativos.” (SCHERRE, 1993, p. 27)

portante para o apagamento de /d/ na Região Norte. Seus resultados mostram que os informantes com menor escolaridade (0,798), até o 8º ano do ensino fundamental II, favorecem, acentuadamente, o uso do apagamento, ao contrário dos que possuem maior escolaridade (0,208), ensino superior completo, como revela a tabela 1.

Em seu estudo, Ferreira (2010) verifica que os menos escolarizados usam mais a forma não padrão, enquanto os mais escolarizados aplicam mais a variante padrão. O autor considera que

[...] uma possível explicação para esses resultados seria o fato de os informantes mais escolarizados terem maior conhecimento da gramática normativa e dos seus valores sociais, uma vez que as formas privilegiadas são aquelas provindas da gramática e dos grupos sociais com maior poder econômico, que, consequentemente, na maioria das vezes, são os indivíduos que possuem maior grau de escolaridade. (FERREIRA, 2010, p. 108)

Acreditamos que a explicação dada por Ferreiro (2010) para explicar os resultados da variável escolaridade seja válida também para os nossos dados.

Em consonância com as palavras de Ferreiro, Bortoni-Ricardo (2004, p. 48) afirma que “os anos de escolarização de um indivíduo e a qualidade das escolas que frequentou também têm influência em seu repertório sociolinguístico”. Votre (2003, p. 51) acrescenta que a escola “atua como preservadora das formas de prestígio”, por isso é compreensível que os nossos informantes com maior nível de escolaridade privilegiem a forma padrão, conservadora e prestigiada, que é a preservação de /d/ no gerúndio.

Labov (1966) já afirmava que os indivíduos com pouca escolaridade são os que mais utilizam as variantes não padrão, enquanto que aqueles com maior escolaridade usam mais as formas padrão. Esta tendência é confirmada em nosso estudo, assim como nos de Martins (1999), Ferreira (2010) e Nascimento, Araújo e Carvalho, (2013).

A segunda e última variável selecionada, para o Centro-Oeste, foi o sexo/gênero do informante. Com base na tabela 2, verificamos que os homens (0,746) favorecem, de forma inequívoca, o apagamento de /d/, opondo-se ao comportamento inibidor das mulheres (0,271).

Tabela 2 – Papel da variável sexo/gênero sobre o apagamento de /d/ no morfema “ndo” nas capitais do Centro-Oeste

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Homens	15/34	44,1	0,746
Mulheres	5/37	13,5	0,271

É Fisher (*apud* PAIVA, 2003) quem nos traz o primeiro relato da influência do fator sexo/gênero sobre uma variável linguística. O autor observa que, em inglês, a terminação verbal –ing, formadora de gerúndio, como em *working*, admite duas pronúncias, a velar (forma de prestígio) e a dental (forma desprestigiada). Seu estudo constata que as mulheres usavam mais a primeira, a variante prestigiada. Analisando o mesmo fenômeno linguístico, entre outros, Trudgill (1974), em seu estudo pioneiro sobre o inglês falado em Norwich, nota que a pronúncia velar, a de prestígio, é mais frequente entre as mulheres de todas as classes sociais. Assim, os primeiros estudos sociolinguísticos indicam uma tendência: as mulheres têm maior preferência pelas formas linguísticas mais prestigiadas socialmente.

Sobre o papel do gênero/sexo nos fenômenos de variação linguística, Labov (2006[2001]) afirma que, em casos de variação estável, os homens empregam com maior frequência as formas não padrão, porque são menos influenciados pelo estigma social. Porém, se há indícios de mudança linguística em curso, nos deparamos com duas situações: a) as mulheres tendem a utilizar mais as formas inovadoras (mudanças vindas de baixo); b) as mulheres preferem mais as formas de prestígio do que os homens (mudanças vindas de cima).

Muitos estudiosos tentam explicar por que as mulheres usam bem mais as formas prescritas pela gramática do que os homens. Um deles foi Trudgill (1983), para quem as mulheres são mais conscientes de seus usos linguísticos e sociais pelas seguintes razões: elas são as principais responsáveis pela educação dos filhos; a sua posição social em nossa sociedade é menos segura e, por isso, demarcam sua posição usando formas de mais prestígio linguístico; enquanto os homens são avaliados por seu trabalho e sua situação econômica, as mulheres o são por sua aparência, e a fala é parte de sua aparência.

Ratificando o que diz Trudgill sobre as diferenças linguísticas entre a fala de homens e mulheres, Monteiro (2002, p. 75, grifo do autor), assim, se expressa: “é fácil supor que existem pressões sociais sobre os falantes para que estes usem as formas de prestígio, que são as da classe dominante. Tais pressões serão mais fortes na mulher, por causa da grande consciência que ela tem de seu

status.” Talvez, por isso o uso de formas não padrão, como o apagamento de /d/ no gerúndio, não seja muito frequente na fala das mulheres de nossa amostra.

Trudgill (1972), analisando as avaliações subjetivas de seus informantes do estudo de Norwich sobre o emprego de formas não padrão, constata que os homens tinham a tendência a exagerar o seu uso, enquanto as mulheres tinham um comportamento contrário. Tal fato revela o desejo dos homens de serem vistos como usuários de formas não padrão e as mulheres preferiam ser vistas como usuárias de formas padrão. Essa constatação levou o autor a conceber dois tipos de prestígio: o encoberto, que pode ser entendido como os valores positivos que as formas não padrão e estigmatizadas possuem para um certo grupo de falantes, e o prestígio manifesto, que é aquele atribuído às formas padrão. Os homens se identificariam com as formas de prestígio encoberto, como sinal de sua solidariedade ao grupo e identidade pessoal, e as mulheres seguiriam os padrões de prestígio manifesto. Assim, “as formas linguísticas do grupo passam a ter um prestígio particular, embora sejam estigmatizadas pela comunidade linguística como um todo.” (VIEIRA, 2011, p.9)

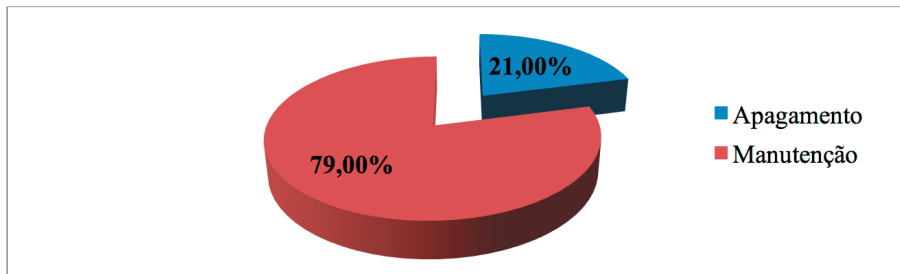
No português brasileiro, Silva (1996), avaliando o comportamento de fatores sociais em várias pesquisas sociolinguísticas, verifica que, na maioria desses trabalhos, a variável sexo/gênero é relevante e as mulheres tendem a usar formas linguísticas padrão. O nosso estudo, assim como o de Martins (1999), Nascimento e Mota (2004), Ferreira (2010) e Vieira (2011), confirma a inclinação das mulheres para a variante padrão, no caso, a preservação de /d/ no morfema de gerúndio.

Na sequência, apresentamos os resultados obtidos e as análises realizadas para a Região Norte.

Na análise realizada apenas com as capitais da região Norte, encontramos 148 ocorrências, sendo que destas 26 (17,6%) eram da variante apagamento e 122 (82,4%) pertenciam à manutenção de /d/ no gerúndio. Verificamos o surgimento de um nocaute¹⁰ no grupo localidade, pois, em Belém, nenhum de seus 24 dados sofreram apagamento, revelando um comportamento categórico. Por isso, efetuamos outra análise e decidimos pela exclusão das ocorrências desta capital. Restaram, por fim, 124 dados, distribuídos assim: 26 (21%) para o apagamento e 98 (79%) para a manutenção de /d/ no gerúndio, conforme visualizamos no gráfico 2.

¹⁰ Temos um nocaute quando “um fator que, num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0 a 100% para um dos valores da variável dependente” (GUY; ZILES, 2007, p. 158)

Gráfico 2: Frequência de uso das variantes no Norte do Brasil



No melhor nível de análise selecionado pelo GoldVarb X, o *input* 0,126 indica que, das três regiões, o Norte ocupa o segundo lugar em termos de probabilidade de ocorrer o apagamento, perdendo a primeira posição para o Centro-Oeste. Neste nível, obtivemos a significância = 0,047. Foram selecionado, pelo programa, como as variáveis mais relevantes para a redução de gerúndio, o sexo, a escolaridade e a localidade, nesta ordem. A seguir, cada uma delas será analisada.

No Norte, o fator sexo/gênero foi selecionado em primeiro lugar, o que significa dizer que é a variável mais importante para a aplicação da regra. No Centro-Oeste, observamos que ela ocupou uma posição de menor destaque, o segundo lugar.

Tabela 3 – Papel da variável sexo/gênero sobre o apagamento de /d/ no morfema “ndo” nas capitais do Norte

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Homens	21/61	34,4	0,750
Mulheres	5/63	7,9	0,256

Como mostra a tabela 3, os homens (0,750) privilegiam, de forma expressiva, o apagamento de /d/ no gerúndio, já as mulheres (0,256) desfavorecem a regra e assumem um papel conservador. Assim, encontramos, no Norte, a mesma tendência verificada no Centro-Oeste, que é a maior preferência das mulheres pelas formas padrão, no caso a preservação da dental, enquanto os homens aplicam mais as variantes não padrão, a eliminação de /d/ no morfema “ndo”.

A variável escolaridade que, no Centro-Oeste, se apresentou como a mais relevante, ocupou, no Norte, o segundo lugar. Dessa forma, no Norte, o sexo/gênero do informante pesa mais sobre a regra do que o seu nível de escolaridade.

O inverso disso acontece no Centro-Oeste, isto é, o grau de escolaridade do informante pesa mais sobre o apagamento do que o seu sexo/gênero.

Como mostra a tabela 4, o menor nível de escolaridade (0,708), até o 8º ano do ensino fundamental II favorece a regra, ao contrário dos mais escolarizados (0,280), ensino superior. Esse resultado confirma que quanto maior o tempo de exposição à gramática normativa e à escrita padrão, maior é o emprego das formas prestigiadas. Isso já havia sido observado também para a Região Centro-Oeste.

Tabela 4 – Papel da variável escolaridade sobre o apagamento de /d/ no morfema “ndo” nas capitais do Norte

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Até o 8º ano do ens. Fundamental II	20/64	31,2	0,708
Ensino Superior Completo	6/60	10,0	0,280

O fator menos relevante para o Norte foi a localidade, já que foi selecionada em último lugar. Esta variável não foi importante para o Centro-Oeste. Conforme a tabela 5, apenas as capitais Porto Velho (0,772) e Rio Branco (0,668) se revelaram aliadas do apagamento de /d/ no morfema “ndo”, já que Macapá (0,392), Boa Vista (340) e Manaus (0,328) inibem a sua ocorrência. É bom lembrar que, na capital Belém, todos os informantes preservaram a dental /d/, exibindo um comportamento categórico em favor da forma padrão, o que nos fez excluir os dados desta localidade de nossa amostra.

Consultamos os dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e do Índice Firjan de Desenvolvimento Municipal (IFDM)¹¹ no intuito de estabelecermos alguma relação entre os resultados obtidos para esta variável e os dados do IBGE e do IFDM, mas não encontramos nenhuma relação, o que nos faz pensar que o reduzido número de dados pode ter interferido no resultado.

¹¹ “O IFDM – Índice FIRJAN de Desenvolvimento Municipal – é um estudo do Sistema FIRJAN que acompanha anualmente o desenvolvimento socioeconômico de todos os mais de 5 mil municípios brasileiros em três áreas de atuação: Emprego & renda, Educação e Saúde. Criado em 2008, ele é feito, exclusivamente, com base em estatísticas públicas oficiais, disponibilizadas pelos ministérios do Trabalho, Educação e Saúde.” Disponível em: <<<http://www.firjan.com.br/ifdm/>>>. Acesso em: 09/09/2015.

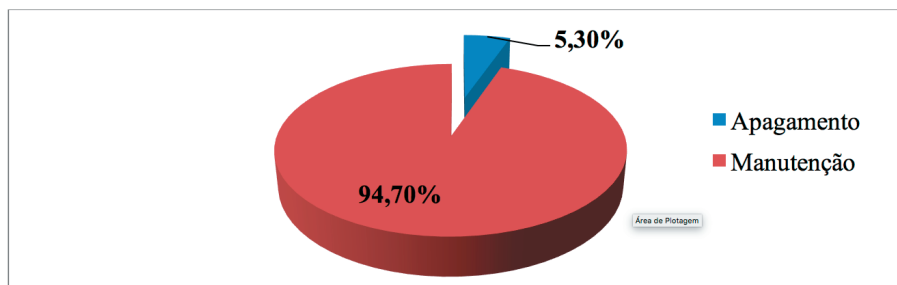
Tabela 5 – Papel da variável localidade sobre o apagamento de /d/ no morfema “ndo” nas capitais do Norte

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Manaus	3/26	11,5	0,328
Boa Vista	3/24	12,5	0,340
Macapá	4/26	15,4	0,392
Rio Branco	7/24	29,2	0,668
Porto Velho	9/24	37,5	0,772

A seguir, apresentamos os resultados obtidos para a Região Sul do Brasil.

Na primeira análise realizada só com as capitais da região Sul, contabilizamos 75 ocorrências, distribuídas assim: 04 (5,3%) para o apagamento e 71 (94,7%) para a manutenção de /d/ no gerúndio, como vemos no gráfico 3. Também registramos nessa análise a ocorrência de três nocautes em três grupos de fatores, a saber: a) na variável sexo, pois nenhum dos 37 dados produzidos pelas mulheres a queda de /d/ no morfema “ndo”, revelando um comportamento extremamente conservador; b) na variável escolaridade, também os graduados, com 37 dados, não aplicaram a regra, mostrando-se conservadores; c) na variável localidade, em Florianópolis, todos os 24 dados de seus informantes apresentavam o apagamento de /d/.

Gráfico 3: Frequência de uso das variantes no Sul do Brasil



Decidimos retirar todos os fatores de efeito categórico na análise seguinte e surgiram dois grupos com um só fator, o sexo e a escolaridade. Então, tivemos de eliminá-los, nesta etapa, e realizamos outra análise que se mostrou infrutífera, pois tínhamos um reduzido número de dados e também de grupos de fatores. Isso impediu que o programa realizasse a seleção dos fatores mais relevantes para essa região. Assim, não tivemos condições de prosseguir nessa análise.

Conclusões

Das três Regiões examinadas, constatamos que o Centro-Oeste é a que apresenta a maior taxa de frequência de uso da variante não padrão, o apagamento de /d/ no morfema de gerúndio, seguida pela Região Norte, enquanto o Sul apresentou uma taxa baixíssima de aplicação da regra, quase apresentando um comportamento categórico. Assim, concluimos que, para esta variável, o Sul é mais conservador do que o Norte e Centro-Oeste.

Tanto para o Centro-Oeste quanto para o Norte, verificamos que os informantes menos escolarizados são sempre aliados do apagamento de /d/, ao contrário dos mais escolarizados que prestigiam a sua preservação, revelando um comportamento conservador por parte daqueles que passaram mais tempo expostos à pressão normatizadora da gramática e da escrita padrão.

As mulheres do Norte e do Centro-Oeste se mostram conservadoras, pois favorecem a manutenção de /d/, diferentemente dos homens que beneficiam a aplicação da regra, o que comprova a tese de que as mulheres são mais sensíveis às formas padrão, posto que elas têm consciência

No Norte, Belém foi a única capital que preservou /d/ no morfema “ndo” em todos os seus dados. As capitais Porto Velho e Rio Branco foram as únicas que se destacaram no favorecimento da variante não padrão, a queda de /d/. Já Manaus, Boa Vista e Macapá se mostraram mais conservadoras, pois não beneficiaram a regra.

No Sul, a reduzida quantidade de dados com o apagamento da dental /d/ no morfema de gerúndio, apenas 04, impossibilitou a seleção das variáveis relevantes pelo GoldVarb X.

Referências

- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: Editora Anhembi Ltda. 1920.
- ARAGÃO, M. do S. S. de. *Atlas lingüístico da Paraíba: Análise das formas e estruturas lingüísticas encontradas*. Brasília: UFPB/CNPq, Coordenação Editorial. 2 v. 1984.
- ARAÚJO, A. A. O Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza - NORPOFOR. In: XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 2011, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: RJ, 2011. v. XV. p. 835-845. Disponível em << http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/72.pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2013.

- ARAÚJO, C.; KARIM, J. M. A variação na finalização dos verbos no gerúndio na fala da comunidade cacerense. In: V Congresso Interno de Iniciação Científica da Unemat, 2009, Cáceres. *Resumos*. Cáceres – MT. 2009, Cáceres. Disponível em: <http://www.unemat.br/eventos/jornada2009/resumos_conic/Expandido_00454.pdf>. Acesso em: 05 set. 2015.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.
- CAGLIARI, L. C. *Análise fonológica: introdução teoria e a prática com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- CARDOSO, S. A. M. da S. A história do Atlas Linguístico do Brasil. In: CARDOSO, S. A. M. da S. *et al.* In: *Atlas Linguístico do Brasil: introdução*. Londrina: Eduel. 2014. 1 v. p. 17-36.
- CASTRO, M. L. S.; BRASILEIRO, A. S. V. Aspectos fonéticos do falar urbano e rural de Santo Antônio de Jeus-BA. *Revista Philologus*, Ano 19, nº 55. Rio de Janeiro: CiFEL, jan./abr. p. 272-282, 2013. Disponível em: <<<http://www.filologia.org.br/revista/55supl/022.pdf>>>. Acesso em: 05 set. 2015.
- COSTA, G. B. Reflexos pedagógicos da simplificação do gerúndio em estudantes do ensino fundamental. *Letra Magna (Online)*, v. 11, p. 1-22, 2009. Disponível em: <<<http://www.uesc.br/eventos/selipeanais/anais/geisabor-ges.pdf>>>. Acesso em: 05 set. 2015.
- GUY, G. R.; ZILLES, A. *Sociolinguística Quantitativa*. São Paulo: Parábola, 2007.
- HORA, D. da; AQUINO, M. F. S. Da fala para a leitura: análise variacionista. *Alfa, rev. linguíst.* (São José do Rio Preto), 2012, v. 56, nº. 3, p.1099-1115. Disponível em: <<<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4986/4373>>>. Acesso em: 05 set. 2015.
- _____; PEDROSA, J. L. R. Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB). João Pessoa: Idéia, 2001. 5v.
- ISQUERDO, A. N. Capitais brasileiras: um olhar para a história da cidade a história do nome. In: CARDOSO, S. A. M. da S. *et al.* *Atlas Linguístico do Brasil: cartas linguísticas 1*. Londrina: Eduel. 2014. 2 v. p. 11-26.
- LABOV, W. *The social stratification of English in New York City*. Washington, D. C.: Center of Applied of Linguistics, 1966.
- _____. *Sociolinguistics Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1972 [ed. Br.: 2008. *Padrões Sociolinguísticos*. Trad. de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

- _____. *Principles of linguistic change: internal factors*. Vol. 1. Oxford: Blackwell Publishers, 1994.
- _____. *Principles of linguistic change: social factors*. Vol. 2. Malden, Massachusetts/ Oxford: Blackwell, 2001. *Principios del cambio lingüístico: factores sociales*. Trad. de Pedro M. Butragueño. Madrid: Editorial Gredos, 2006.
- MARTINS, I. F. de M. Variação do apagamento da oclusiva dental /d/ no grupo “ndo” na fala de João Pessoa. In: SOARES, M. E.; ARAGÃO, M. do S. S. de (orgs.). XVI JORNADA DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS. *Anais...* Fortaleza: UFC, p. 337-342. 1999.
- MARTINS, I. da S.; BUENO, E. S. da S. Estudo do gerúndio – a transformação de [no] em [n] no português falado na região de fronteira. *Sociodialeto*, v.1, n.4, jul. 2011. Disponível em <<<http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/9/28092011064716.pdf>>>. Acesso em: 05 set. 2015.
- MARROQUIM, M. *A língua do nordeste* (Alagoas e Pernambuco). São Paulo: Nacional, 1934.
- MELO, G. C. de. *A língua do Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.
- MONTEIRO, J. L. *Para compreender Labov*. 2.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- NARO, A.; LEMLE, M.. *Competências básicas do português*. Rio de Janeiro: Sedec/Mobral, 1977.
- NASCIMENTO, K. R. S. do; ARAÚJO, A. A. de; CARVALHO, W. J. de A. A redução do gerúndio no falar popular de Fortaleza: um olhar variacionista. *Veredas*. Juiz de Fora, v.2. p. 398-413. 2013. Disponível em: <<<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2014/04/21%C2%BA-ARTIGO.pdf>>>. Acesso em: 05 set. 2015.
- NASCIMENTO, L.; MOTA, J. A ausência do ‘d’ no gerúndio: com base em inquéritos experimentais do projeto ALIB: Hyperion Letras. Salvador, s/v, n.7, s/p. 2004. Disponível em: <<http://www.hyperion.ufba.br/revista_7_04.htm>>. Acesso em: 10 fev. 2015.
- PAIVA, M. da C. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L.. (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p.33-42.
- SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. Goldvarb X - A multivariate analysis application. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref>>. Acesso em: 19 jun. 2015.

- SCHERRE, M. M. P. *Introdução ao Pacote VARBRUL para microcomputadores*. Brasília, UNB, 1993.
- SILVA, G. M. de O. e; PAIVA, M. da C. A. de. Visão de conjunto das variáveis sociais. In: *Padrões Sociolinguísticos - Análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. SILVA, Giselle M. de O. e; SCHERRE, M. M. P. (orgs). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, pp. 336 - 378.
- SILVA NETO, S. da. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1952.
- TRUDGILL, P. J. Sex, Covert Prestige and Linguistic Change in the Urban British English of Norwich. *Language in Society* 1. p.179-195, 1972
- _____. *The Social Differentiation of English in Norwich*. Cambridge: CUP, 1974.
- _____. *On Dialect: Social and Geographical Perspectives*. Oxford: Blackwell, 1983.
- VIEIRA, M. S. Apagamento do /d/: abordagem sociolinguística sob a perspectiva do gênero sexual. *Sociodialeto*. Campo Grande, v.1, n. 4, p. 1-27, jul. 2011. Disponível em: <<<http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/9/28092011063729.pdf>>> Acesso em: 05 set. 2014.
- VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2003. p. 52-57.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. Directions for historical linguistics. Austin: University of Texas Press, 1968. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

Submetido em 13 de setembro de 2015

Aceito em 2 de fevereiro de 2016